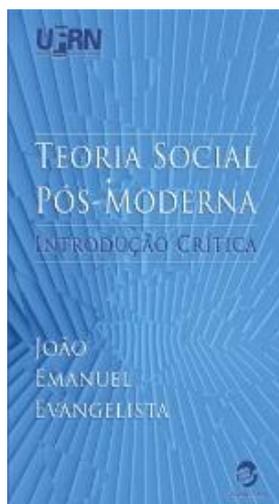


## RESENHA

### Resenha do livro Teoria social pós-moderna: introdução crítica

André Moulin DARDENGO<sup>1</sup>



#### RESENHA/ BOOK REVIEW

EVANGELISTA, João Emanuel. **Teoria social pós-moderna: introdução crítica**. Porto Alegre: Sulina, 2007. 197 p.

---

<sup>1</sup>Economista, mestrando em Política Social na Universidade Federal do Espírito Santo (UFES, Brasil).  
E-mail: <andremoulindardengo@yahoo.com.br>.

Com o desenvolvimento da sociedade mercantil, ao mesmo tempo em quase alteraram ao longo da história as condições materiais de existência dos seres humanos, também se modificaram a cultura, a ideologia e as formas de pensar. Em tal processo essencialmente conformador, as transformações no campo da produção de ideias moldaram-se às necessidades de legitimação e reprodução do sistema capitalista. A partir da década de 1970, nos países capitalistas avançados, diante de uma propaladíssima crise de paradigmas e do modelo societário proposto pela 'modernidade', houve um novo esforço intelectual de interpretação das transformações capitalistas que deu origem ao pensamento pós-moderno. Trata-se do início de uma nova fase de conformação no campo das ideias legitimadoras do capitalismo.

Esse é o ponto de partida do professor João Emanuel Evangelista em *'Teoria social pós-moderna – introdução crítica'* (Porto Alegre: Sulina, 2007). Nessa obra, o autor discute o contexto e as características dessa crise de paradigmas, e ilustra como essas proposições pós-modernas, oriundas dos países centrais do capitalismo, chegaram ao Brasil de forma irrefutavelmente pouco despretensiosa.

Evangelista, que é sociólogo e doutor em ciências da comunicação, realizou uma minuciosa pesquisa documental onde analisou todos os cadernos de cultura do jornal Folha de São Paulo de 1976 a 1996. Trabalho hercúleo que possibilita evidenciar nas páginas da sua publicação como as primeiras proposições pós-modernistas chegaram ao Brasil a partir

do final da década de 70 do século passado através do periódico paulista, disseminando-se em seguida em revistas acadêmicas mais restritas.

Esse é um período, segundo Evangelista, de formação e consolidação de uma nova elite intelectual no país, principalmente em São Paulo, condizente com o projeto de excelência universitária paulista, numa estratégia flagrante de garantir a produção técnico-científica exigida pelo capital. Porém, nossos novos intelectuais continuavam a reproduzir um perfil 'colonizado' ao realizar uma 'importação acrítica' do conhecimento produzido nas 'metrópoles'. Sem perceber, esses intelectuais realizavam uma função estratégica para a indústria cultural e editorial.

A análise de Evangelista é rica em detalhes e demonstra a relação existente entre as *universidades*, os *cadernos culturais* da mídia impressa e a *indústria editorial*. O debate e a produção intelectual na academia, e a divulgação e a crítica nos cadernos de cultura atendiam aos interesses da nova indústria cultural e editorial onde o livro como representação e materialização do conhecimento precisava ser escoado no mercado. Nessa mercantilização pouco importa sobre o que se escreve e o que se pesquisa, desde que venda e obtenha lucro. Dessa forma, o modismo do pensamento pós-moderno foi importado como um grande filão do mercado editorial a ser explorado, e consolidou-se mais claramente durante os governos neoliberais no Brasil, legitimando o postulado da mão-invisível e

do *laissez faire, laissez passer* como a única alternativa de organização societária.

Para além dessa análise, a obra de Evangelista discute a crise da modernidade no capítulo 2, caracteriza o pensamento pós-moderno no capítulo 3 e, no capítulo 4, apresenta um resumo das ideias dos principais autores críticos a perspectiva pós-moderna (Jürgen Habermas, Fredric Jameson, David Harvey, Terry Eagleton). No último capítulo, há uma arguta discussão das implicações do pensamento social pós-moderno no tocante a hegemonia neoliberal.

A pesquisa de Evangelista evidencia como a ideia de 'modernidade' coincide com o período de desenvolvimento e supremacia do capitalismo, onde a ciência e a razão, princípios iluministas, passaram a ocupar o centro do projeto societário e o campo ideológico da sociedade do totalitarismo mercantil. Esse é um processo marcadamente dialético, contínuo e contraditório, e nele há um claro embate de perspectivas transformadoras e conservadoras, reflexo da própria luta de classes. De um lado, há o primado de que o conhecimento técnico-científico baseado no racionalismo e no positivismo, bases de uma ciência interessada nas mudanças técnicas funcionais ao capital, constitui o caminho emancipatório para o homem. Essa perspectiva, aliada ao liberalismo, consolidou uma nova forma de pensar, uma ideologia do progresso e da liberdade alcançadas somente através do mercado. Contrariamente, no outro lado, no âmbito da luta pela transformação, foi o marxismo que coadunou os interesses da classe trabalhadora, consti-

tuindo a partir do materialismo histórico-dialético, uma ferramenta teórica para interpretar o capitalismo e superá-lo rumo ao socialismo.

São esses os dois principais projetos societários, oriundos do iluminismo, que perpassam o debate acadêmico e político durante todo século XIX e XX. Todavia, nas últimas décadas, no que se refere à produção intelectual e às práticas políticas, percebe-se a manifestação de grandes transformações, ao que se vem denominando crise de paradigmas. A possibilidade de hegemonia de um pensamento social que ao mesmo tempo seja inclusivo e abrangente está sendo minada por teorias que prezam pela relativização sem precedentes da explicação dos fenômenos. Essa exacerbação do irracionalismo não é à toa, cumpre as exigências desse novo momento histórico de 'crise da modernidade', onde um mal-estar generalizado, caracterizado por pessimismo e melancolia, aparece diante do plano de sociabilidade capitalista/moderno. Essa crise que se dá no plano do pensamento e se expressa com o avanço da chamada perspectiva pós-moderna cumpre uma função legitimadora do capitalismo em sua nova fase financeirizada e mundializada.

No decorrer de seu texto, Evangelista mostra como inicialmente o pós-modernismo surge como crítica a estética arquitetônica e literária modernista. Se o modernismo, enquanto movimento artístico, já fora uma proposta de superação estético-realismo nas artes e na arquitetura, buscando nas artes o transitório, o efêmero, o perspectivismo, o relativismo, a exaltação da subjetividade e a criação

de estilos individuais e inconfundíveis, o pós-modernismo aparece no debate de superação da estética modernista procurando expressar nas artes o momento histórico de crise de representação dos indivíduos marcada pela irrealidade, sensação de vazio existencial e confusão intelectual. Foi só posteriormente que o pós-modernismo se consolidou como pensamento social e adentrou no campo das ciências humanas e sociais, para assim, explicar o comportamento e as transformações no capitalismo contemporâneo característicos de uma nova expressão sócio-histórica dos seres humanos, definida como condição pós-moderna. Ganhou *status* num momento muito propício, onde ocorre de um lado, o avanço das concepções neoliberais, e de outro, a ruína das experiências do socialismo real.

Os adeptos do pós-modernismo, mesmo com a dificuldade de caracterizá-los, visto as inúmeras linhas que seguem, descreditam no projeto moderno oriundo do iluminismo. Diante da 'modernidade', ocorreu uma aceleração do tempo exigida pelas necessidades de acumulação e reprodução do capital. Nessa realidade, marcada por um ininterrupto devir caótico que afeta a tudo e a todos, surge um novo sentimento social de fragmentação e de efemeridade que somado as guerras, a miséria, a falta de sentido existencial levam os defensores da perspectiva pós-moderna a criticar todas as metanarrativas provenientes da 'era das luzes'. Porém, Evangelista verifica que por trás dessa generalização da crítica, os pós-modernos deixam de evidenciar seus reais adversários: o marxismo e o pen-

samento socialista. Ao negarem qualquer tipo de lógica totalizante e universalista os pós-modernos preconizam um pensamento opaco incapaz de realizar um combate teórico e uma ação política transformadora. Criticam de forma superficial e irresponsável o grande paradigma teórico marxista negando seus fundamentos em completa oposição com a realidade concreta, apenas para atender a seus desígnios estilísticos de linguagem criativa.

Esse grupo de intelectuais critica ferrenhamente a razão, pois essa teria se tornado um avatar de Deus na sociedade moderna, e a ciência, que seria apenas um jogo de linguagem como outros na sociedade. A fé cega nos caprichos da racionalidade não teria, segundo eles, conduzido ao progresso da humanidade, mas sim produzido todas as suas mazelas. Pautam-se pela monocausalidade segregando os nexos pluricausais para explicar a dinâmica social, servindo-se de uma ampla argumentação contra a compreensão da totalidade da vida social. Evangelista mostra que a realidade se organiza para esses teóricos pós-modernos a partir da heterogeneidade onde os traços marcantes são a indeterminação, a descontinuidade, a fragmentação, o caos, o ecletismo. A verdade produzida pela ciência é completamente relativizada, pois existe sempre a premissa de uma irrefutabilidade paradoxal.

A forma como essa visão parcelar dos fenômenos sociais vem ocupando o espaço de produção acadêmica é estarrecedora. É singular, por exemplo, como que uma historiografia cada vez mais

documental e centrada nos micro-eventos vai sobrepondo-se a análise macro e multirelacional dos fenômenos sociais. A história passa a ser resultante de um sem número de eventos que ocorrem sem regularidade, não conectados entre si e num ambiente caótico. Nas ciências-sociais de uma forma geral acontece o mesmo, pesquisa-se sobre qualquer temática, cada vez mais se focalizando nos micro-eventos sem a busca de regularidades sócio-históricas. Não há um compromisso político claro em muitas dessas pesquisas, porém implicitamente está enraizada uma concepção detratadora dos princípios da interpretação dialética dos fenômenos. Fala-se que o marxismo, a expressão máxima da compreensão dialética da realidade, está obsoleto, representa o atraso, o sectarismo e a falta de criatividade. E com isso há um movimento claro e não sem intenção de excluir o marxismo do espaço acadêmico. Já é possível encontrar currículos de graduação e mesmo programas de pós-graduação na grande área das ciências sociais sem sequer mencionar o senhor K. Marx. Logo, defender essa teoria na trincheira da academia rende muitos inimigos e a alcunha de atrasado.

Evangelista demonstra em suas laudas que é perante essas circunstâncias que surgem conceitos sem muita consistência, como é o caso das ideias de sociedade pós-industrial e da não centralidade da categoria trabalho (que contesta a teoria do valor-trabalho). Ora, o capitalismo não se extinguiu, mas ao contrário se metamorfoseia a cada instante para exaurir cada vez mais as forças humanas produtoras de riqueza. Não há uma soci-

idade pós-industrial sem trabalho, senão uma nova sociedade industrial com novas bases onde os seres humanos estão cada vez mais alheios a compreensão da totalidade social e presos a dinâmica mercantil por correntes invisíveis como verdadeiros escravos 'modernos'. Evangelista (2007, p. 183) sentencia:

"[...] a proposição de que o mundo contemporâneo estaria assistindo a uma ruptura qualitativa na perspectiva da pós-modernidade parece mais uma projeção imaginária de alguns segmentos intelectuais, visto que a realidade da mundialização do capital demonstra às escâncaras a continuidade da realização histórica, em escala jamais registrada, do sistema capitalista. [...] não há qualquer ruptura com a moderna sociedade industrial e tampouco desaparecem as contradições e os conflitos fundamentais inerentes à ordem social burguesa, que, todavia, apresentam novas e complexas formas de manifestação. As transformações em andamento são uma 'ruptura' dentro da ordem social do capital."

Por todo o exposto, o trabalho de Evangelista, segundo nossa compreensão, possui grande relevância e merece ser conhecido e divulgado, principalmente nesse momento em que a despoliticização, a crença no fim da história e na inevitabilidade da sociedade mercantil como único projeto de sociedade viável estão impregnadas nas consciências ou no que poderia ser chamado de imaginário coletivo. As ambiguidades e ambivalências do pensamento pós-moderno, sintomas claros da sua inconsistência teórica tão bem explicitados por Evangelista, indicam os alicerces defeituosos do edifício que devem ser atacados.

A história, definitivamente, não acabou. É imperioso desnudar o véu que paira diante das pessoas abrindo-lhes os olhos para a possibilidade e necessidade da transformação social. Por isso, este livro, resultado de uma pesquisa com compromisso político transformador, é essencial para conduzir a desmistificação do pensamento pós-moderno como referencial teórico. É mister, portanto, a retomada do método crítico materialista-dialético para interpretar as contradições do capitalismo contemporâneo, bem como sustentar teoricamente a luta da classe trabalhadora (que não deixou de existir como propugnam os pós-modernos) para um novo projeto de sociedade. A disputa por essa hegemonia também é um reflexo da luta de classes onde conquistar as consciências instaurando uma nova cultura anticapitalista está na ordem do dia.